

‘BANDIDOS DE TERRAS’ OU ‘GRILEIROS’: CONFLITOS SANGRENTOS E INCESSANTES ENTRE PASTORES FULANI E FAZENDEIROS LOCAIS NA NIGÉRIA

Seun Bamidele¹

Introdução

Conflitos incessantes e sangrentos entre pastores Fulani e fazendeiros locais na África resultaram em mortes e deslocamentos. Diferentes partes do continente, incluindo a Nigéria, passaram por conflitos entre pastores e fazendeiros durante todo o período colonial e ainda depois deste (Abubakar 2012). A extrema necessidade dos pastores Fulani de aumentar a produtividade de sua atividade pecuária, em meio a condições climáticas desfavoráveis, levaram à busca por terras adequadas para o gado pastar. Na África, os Fulani representam uma população de cerca de vinte milhões, sendo um dos povos mais amplamente dispersos e culturalmente diversos, espalhados pela Nigéria, Guiné, Mali, Níger, Camarões, Chade e Sudão. Os Fulani, também conhecidos como “Povo Fula” ou “Fulbe”, são um grande grupo pastoril nômade, com origens na África Ocidental, parte Norte da África Central e Egito (Adisa e Adekunke 2010). A atividade mais comum dos Fulani é a criação de gado, o qual é deslocado de uma região à outra em busca de pastagens. A pecuária corresponde a um terço do Produto Interno Bruto (PIB) agrário da Nigéria e contribui 16% para o PIB da agricultura; é um componente importante da agricultura em geral e um contribuinte-chave para o crescimento e desenvolvimento econômico de qualquer nação (Ojiako e Olayode 2008, 114).

Além disso, o cultivo é uma ocupação comum de cidadãos nigerianos, apesar da dependência do petróleo, este último um empreendimento elitista

1 Institute de Paz, Segurança e Governança, Universidade do Estado de Ekiti, Ado-Ekiti, Nigéria. E-mail: oluwaseun.bamidele@gmail.com.

que alicerça a economia nacional. A atividade agrícola ainda desempenha um papel crucial para a sobrevivência de muitos moradores rurais na Nigéria, sendo uma fonte de subsistência para muitas famílias em vilarejos e pequenas cidades, bem como um negócio rentável de grande escala para outros. A maior parte dos alimentos cultivados que são consumidos no mercado urbano nigeriano é resultado do esforço produtivo das comunidades rurais do país. Atualmente, a agricultura como um todo contribui 34,18% para o PIB da Nigéria, um salto com relação aos 23,83% no quarto trimestre de 2014 (CBN Financial Watch 2016). Isto se dá, porque fazendeiros em muitas das comunidades rurais estão trabalhando duro para aumentar a produtividade de cultivos alimentares e outros produtos agrários, apesar das condições climáticas desfavoráveis.

No entanto, desenvolvimentos recentes viram terras rurais cultivadas sendo invadidas por pastores Fulani armados, com a desculpa de pastagem para o gado. Diversas invasões foram levadas a cabo por estes pastores nos últimos dois anos da administração do Presidente Mohammadu Buhari, ele próprio um Fulani (Opejobi 2016). Na Nigéria, conflitos entre os dois grupos intensificaram-se após o governo aprovar uma lei de pastagem anti-aberta. A situação securitária do país tornou-se muito grave e há preocupação crescente sobre estes confrontos incessantes entre fazendeiros e pastores na Nigéria. Este conflito tornou-se uma questão de preocupação securitária e de debate público. O Governo Federal da Nigéria respondeu enviando efetivos de segurança para investigar e neutralizar as forças dos pastores Fulani armados (Opejobi 2016). Apesar desta política de resposta ter alcançado algum sucesso, as causas fundamentais dos conflitos ainda não foram tratadas.

A falha da política governamental sobre reservas de pastagens deixou os pastores Fulani largados à própria sorte, com relação ao local e a maneira de criar seu gado. Em meio a esta situação, algumas corporações pecuárias médias e grandes emergiram, enquanto muitos Fulani mantiveram seu estilo de vida nômade. Estes últimos vivem uma espécie de vida selvagem, caracterizada pela ajuda mútua na busca de campos para pastagem através de Estados, buscando proteger suas vidas e sua propriedade de animais selvagens e ladrões de gado. Estas questões, entre outras, levaram os pastores Fulani a se armar com equipamentos militares perigosos, como AK-47s, e outras armas e munições nocivas, as quais, por sua vez, levaram a uma série de assassinatos sangrentos envolvendo os pastores Fulani e fazendeiros locais em diferentes comunidades rurais por todo o país.

Estudos anteriores em vários estados relataram a ocorrência de massivas invasões de terras por parte dos Fulani, as quais desencadearam violentos conflitos pelo uso da terra (Aliyu 2015). Outros acadêmicos forneceram

informações gerais, focando na escassez de terras causada pela mudança climática, pelo aumento populacional e pela ineficácia do sistema de posse de terra (Bello 2013). Estes estudiosos não explicam a mudança nas políticas de controle e alocação de terras entre os Fulani e os fazendeiros locais em comunidades rurais. Além disso, nenhum dos acadêmicos tratou sobre as mudanças e continuidades na natureza destes conflitos por terras em muitos estados nigerianos. Os estudiosos mencionados acima não analisam as implicações do atraso nas respostas para a resolução de conflitos sobre pastagens. Portanto, o estudo proposto pretende abordar estas lacunas e assim contribuir para a literatura existente.

Metodologia

Este estudo utilizou uma abordagem qualitativa. O estudo também fez uso de fontes secundárias e de arquivo, que ajudaram a obter informações contextuais da área estudada, necessárias para fortalecer a revisão de literatura e a estrutura teórica. As informações de coleções de jornais forneceram algumas pistas quanto às intervenções dos governos estadual e federal em assuntos pastoris, especialmente no aspecto da colônia Fulani e de leis de pastagem anti-abertas. Este método forneceu uma compreensão dos confrontos por terra relacionados a pastagens do ponto de vista rural. Em geral, estas informações foram utilizadas para abordar as formas e a magnitude dos incessantes confrontos entre os Fulani e os fazendeiros locais. Os dados também fornecem um entendimento da incoerência das políticas estaduais e federais para combater tais conflitos, bem como as razões para sua persistência. Esta análise ajudou, ainda, a discutir a eficácia das respostas do governo federal e da população local a estes confrontos. Por meio deste método, o artigo examina criticamente a raiz causadora dos incessantes conflitos entre esses dois grupos, juntamente com o modelo contraditório de políticas postas em práticas pelo atual governo para lidar com as ameaças emergentes postas pelos Fulani armados. A causa fundamental dos conflitos por terras durante o período analisado e a eficácia dos mecanismos usados para resolvê-los são, também, fatores relevantes discutidos no trabalho de pesquisa.

Discurso teórico

O presente artigo está ancorado nas teorias da Modernização e da Escassez de Recursos. Mais de uma teoria foi utilizada, pois muitos assun-

tos relacionados aos conflitos entre os pastores Fulani e fazendeiros locais na Nigéria atravessam diferentes dimensões e contextos, portanto uma só teoria não bastaria para a análise (Gyong 1998). A maior premissa da Teoria da Modernização é que as sociedades tradicionais foram desenvolvidas conforme adotavam práticas mais modernas (Okoli e Atelhe 2014). Há diversos termos utilizados para explicar o nível dos incessantes conflitos entre pastores e fazendeiros, a partir da perspectiva de que a suposta invasão de terras para pastagem destrói lavouras e retira dos fazendeiros sua alta produtividade e lucros esperados. A abordagem teórica tem sua origem na conexão entre conflitos internos e os processos de construção estatal. A Teoria da Escassez de Recursos também foi utilizada para compreender os conflitos sangrentos e incessantes mencionados, que estão agora sob pressão de diferentes atores, como donos de terras, fazendeiros locais e pastores Fulani armados e as agências estatais nigerianas (Olayoku 2014).

A Teoria da Modernização é um bom campo de teste para abordar estes conflitos por terras, pois, do ponto de vista dos colonizadores, os sistemas tradicionais de uso e posse de terras entre os Fulani e os fazendeiros locais era considerado primitivo, improdutivo e necessitava de transformação e “modernização” (Audu 2013). É desta perspectiva que governos coloniais e pós-coloniais introduziram diversas intervenções, incluindo programas de reassentamento, redução de estoques, novos sistemas de posse e políticas de terras. Estas políticas foram fortalecidas pelos governos estaduais atuais na forma de leis de pastagens abertas, as quais, por sua vez, desencadearam os sangrentos conflitos entre pastores e fazendeiros. A Teoria da Modernização, como atribuído à campanha anticolonial sobre alienação de terras, favorece o assentamento, reassentamento e livre pastagem para pastores Fulani em qualquer terra, bem como os impactos decorrentes.

Outra teoria utilizada é a dos conflitos por recursos. Confrontos entre as partes envolvidas ocorrem, frequentemente, como resultado da escassez de terras, gerada pela mudança climática, pelo crescimento populacional e pela ineficácia dos sistemas de posse de terras por parte do governo (Baca 2015). Estas suscitam queixas de ambas as partes. No entanto, conflitos internos sempre pressionam a sociedade a produzir normas para governar os violentos confrontos. Tais normas incluem leis e políticas que são utilizadas para lidar com a tensão. Além disso, os governos estadual e federal desenvolveram diversos meios para tratar dos conflitos entre os pastores Fulani e fazendeiros locais. Contudo, se os órgãos estabelecidos que lidam com estes confrontos forem desafiados pela má implementação de suas resoluções, os embates por recursos seguirão sendo inevitáveis.

A teoria dos conflitos por recursos aborda a escassez de terras e os conflitos entre os Fulani e os fazendeiros, pois as comunidades locais são habitadas por ambos, e cada grupo tem interesses diversos sobre o uso da terra, o que torna os conflitos inevitáveis. A partir deste ponto, o artigo estabeleceu os gatilhos destas lutas por terras no período analisado, assim como a eficácia dos mecanismos postos em prática para tentar resolvê-las.

Gatilhos para a crise dos pastores na Nigéria

Os gatilhos dos incessantes conflitos entre os pastores Fulani e os fazendeiros locais são frequentemente baseados em supostas invasões de terras para propósitos de pastagem, que destroem lavouras e privam os fazendeiros de sua alta produtividade e lucros esperados. Tais gatilhos podem, geralmente, ser categorizados em dois tipos: causas externas e internas. Na Nigéria, as causas internas desses confrontos representam desafios maiores ao desenvolvimento socioeconômico do que as externas. Este artigo, portanto, foca nas causas internas de tais conflitos e considera os incessantes confrontos como sendo auto-infligidos e não externamente determinados.

Incoerência das políticas do governo

Os confrontos entre os pastores Fulani e suas comunidades receptoras abriu espaço para afirmações e argumentos conflitantes sobre os direitos constitucionais de posse de terras e de estabelecimento de reservas para pastagem. Como a insatisfação relacionada à política anti-aberta dos governos estaduais sobre pastagens alimentou a frustração e a sede pela violência sem sentido? Por meio de manobras políticas de legisladores Fulani e dos poderes de seu lobby, a Lei Sobre Pastagens (*Grazing Bill*) está sendo passada na Assembleia Nacional, e, portanto, irá deslocar pessoas de suas terras à força (Onwubiko 2017). O Ministério da Agricultura destina bilhões para a compra de grama brasileira para os pastores Fulani. Tal disposição sentimental aponta também para a possibilidade dos pastores saírem impunes de mortes e destruições arbitrarias, enquanto o governo federal propõe sacar do tesouro estatal para auxiliar negócios privados (Onwubiko 2017). Audu Ogbeh, o atual Ministro da Agricultura, afirmou, certa vez, que os ataques eram resultado da falha de sucessivos governos de dar atenção aos Fulani e à pecuária. Ele afirmou, ainda, que a indignação nacional era sobre a recusa do governo federal de responsabilizar os pastores Fulani pelas mortes perpetradas (Onwubiko 2017). No entanto, em outros momentos, Audu Ogbeh foi visto apresentando

planos de políticas contraditórios sobre como o governo resolveria as graves ameaças emergentes postas pelos pastores Fulani (Onwubiko 2017). Ele afirmou que o estabelecimento de ranchos para gado havia sido explorado, enquanto, em outro fórum, afirmava, que o governo federal estava demarcando terras em alguns estados (Dimelu; Salifu e Igbokwe 2016). Constitucionalmente, na Nigéria, reservas de pastagens instituídas federalmente não são realistas, pois direitos às terras e a seguros de licenças estão a cargo dos governos estaduais desde o período colonial até a atualidade, de acordo com o Ato de Uso de Terras de 1978 (Folami 2010). Sobre a questão dos ranchos no país, ainda não é sabido como o governo federal pretende utilizar fundos públicos para estabelecer ranchos para pecuaristas particulares, enquanto grupos empreendedores, como fazendeiros locais, foram postos sob consideração para receber suporte financeiro do governo federal.

De acordo com a Seção 42 (1) da Constituição Nigeriana, a política de usar fundos públicos para estabelecer ranchos para pastores Fulani fere a provisão constitucional contra a discriminação (Ehiabhi 2012), apesar da posse privada de ranchos ser, em si, uma boa prática no mundo de hoje. Houve muitos desafios para a contínua experimentação do país com objetivos políticos pouco claros e incoerentes no aspecto de resolver os conflitos incessantes e sangrentos entre pastores Fulani e fazendeiros locais. Sapru (2012) afirmou que

[...] se os objetivos da política não são claros ou especificados em nenhuma forma mensurável, determinar a extensão em que eles foram atingidos torna-se uma tarefa complexa e incômoda, enquanto oficiais como legisladores e administradores que estão em diferentes posições no sistema político pode ser incerto sobre o cumprimento do programa [...] mesmo quando os objetivos são claros, especificá-los e colocá-los em efeito iria requerer mais ação política dentro das organizações (Sapru 2012).

A especificação dos objetivos pode, também, levar à divisão de responsabilidades (Sapru 2012). O país opera um sistema de políticas disfuncional e incoerente, devido à natureza de soma zero da política local. Além disso, a nova onda de violência por parte dos pastores Fulani pode ser considerada uma estratégia premeditada para o governo federal, dada sua atual posição de inação em face aos óbvios massacres e tomadas de terras, visando a intimidar partes da população para que não desafiem a renovada onda de hegemonia Fulani no Estado nigeriano (Higazi 2016). O governo federal é, portanto, compelido a dar fim à administração incoerente das políticas públicas, visando barrar os grupos bandidos de terra compostos por pastores Fulani armados

e julgá-los de acordo com o direito penal. Alguns acadêmicos afirmaram que, no nível macro, o controle dos pastores sedentos de sangue é dificultado pela total ausência de uma política pública coerente para lidar decisivamente com o grave fenômeno do seu armamento, enquanto, no nível micro, alguns governos estaduais, como dos estados de Ekiti, Oyo e Ondo, puseram em prática leis para checar o extremismo dos Fulani armados, ao passo que outros governos estaduais experimentaram uma forma distorcida de política de apaziguamento que, em larga medida, não obteve sucesso, pois qualquer sociedade que apazigua elementos violentos viverá para arrepende-se de tal erro de cálculo (Hart 2016).

Muitos estados, como Benue e Kaduna, experimentaram uma política de apaziguamento para amortecer o efeito dos conflitos com os Fulani, mas sem trazer um fim às invasões e destruições de fazendas locais. Centenas de fazendeiros e milhares de cidadãos inocentes foram deslocados como resultado das atividades dos pastores Fulani somente nestes dois estados (HRW 2013). O apaziguamento de fazendeiros locais em Benue tem se dado na forma de doações de quantidades substanciais de terras pastoris próximas às comunidades rurais destruídas do grupo étnico Idoma, enquanto o de Kaduna envolveu compensações financeiras às partes afetadas. No entanto, a estratégia de apaziguamento e execução por parte destes dois governos estaduais é o clássico caso de confusão organizada (Ibrahim 2014). As políticas incoerentes de apaziguamento dos governos estaduais e federal provaram-se inapropriadas e, portanto, podem gerar também mais mortes pelo país.

Insegurança humana

Insegurança humana é um problema crítico nos processos de desenvolvimento. Em um país com problemas agudos de pobreza, fome, inquietação social e problemas crônicos de desenvolvimento são fatores, de acordo com investigações do HRW (2013), responsáveis pela raiva que alimenta os incessantes conflitos sangrentos entre os pastores Fulani e os fazendeiros locais. Colocando de forma simples, os pastores Fulani e os fazendeiros em comunidades rurais são vítimas da pobreza opressiva, visto que não podem viver em boas casas, pagar por uma alimentação digna, ter acesso a oportunidades educacionais nem buscar superar seus atrasos.

A insegurança apresenta sérias ameaças à sustentabilidade das sociedades rurais e urbanas, já que os habitantes afetados pelos sangrentos conflitos são, geralmente, minorias e grupos étnicos dominantes na região Centro-Norte (Idegu 2015). Especialistas em segurança também levantam questões sobre os requisitos para serviços sociais nas referidas áreas rurais.

Da mesma forma, o aumento na demanda por amenidades sociais frequentemente requer o desvio de fundos de investimentos produtivos para a provisão de infraestrutura social (Kabir 2016).

Quando o devido redirecionamento de fundos para desenvolvimento de infraestrutura não é feito, os habitantes da região Centro-Norte experimentam agitação social, pobreza aguda e mais ataques de pastores Fulani. Diversos estudos na Nigéria identificaram meios inadequados de suporte ao capital humano e participação no projeto de desenvolvimento, bem como a fraca manutenção de pastagens e culturas agrícolas, como fatores-chave que levam aos problemas crônicos de desenvolvimento, inquietação social e crescimento da pobreza aguda entre os habitantes da região (Majekodunmi; Fajinmi; Dongkum; Shaw e Welburn 2014). De fato, alguns desses estudos afirmam que há a necessidade de avaliar o problema dos conflitos entre os pastores Fulani e os fazendeiros locais, visto que estes são com frequência a gênese dos problemas sociais e da violência doméstica na região.

A Nigéria enfrenta sérios dilemas securitários. Em um tom sério, Marietu e Olarewaju (2009), avisaram que “o colapso de um estado dificilmente ocorre espontaneamente ou de um só vez. Se acontece, é provável que tenha sido iniciado por processos de deterioração, declínio e erosão de funções como consequência de confrontos violentos”. A Nigéria forneceu um solo fértil para a insegurança graças à natureza da sociedade e da inabilidade dos governos estaduais e federais de efetivamente atender às demandas de base étnica. Sem dúvida, os planos dos pastores Fulani, que matam e mutilam seus anfitriões sob o disfarce do pastoreio, colocam-se como uma ameaça à segurança nacional e à sobrevivência da Nigéria. A crescente ameaça à segurança na Nigéria, especialmente nos aspectos abordados, não pode ser combatida pelo gasto de grandes somas de dinheiro em equipamento militar. De fato, o aumento do orçamento federal para defesa é bastante desnecessário e beira o desperdício.

A insegurança da Nigéria pode ser melhor combatida por meio de táticas de segurança sociais. Governos estaduais e federais podem ser responsáveis e sinceros ao lidarem com o problema da corrupção, a fim de demonstrar seu desejo de apoiar os pastores com reservas para pastagens e os fazendeiros locais com recursos suficientes. O retorno da democracia foi precedido por altas expectativas de que alguns dos problemas que atingiam o país, sendo o principal desses a corrupção oficial, seriam endereçados. No entanto, contrariamente às expectativas, a nova ordem democrática foi contaminada por uma corrupção que ultrapassa mesmo aquela da era militar (Odoh e Chigozie 2012).

As consequências de tais falhas são evidentes no grosseiro subdesenvolvimento do Estado nigeriano, na instabilidade econômica, na violência, na falta de boa governança, na pauperização do povo nigeriano, bem como na ameaça à recente democracia do país. Especificamente, a culpa da corrupção pelo problema geral do país tem suscitado diversos esforços por parte do estado nigeriano, que incluem engenharia constitucional, além de abordagens institucionais e legais, para dirimir sua ocorrência. A segurança deve ser padronizada de forma que todas as divisões étnicas e tribais sejam o foco primário da formulação de políticas

Proliferação de armas pequenas e leves

A proliferação de armamentos leves e pequenos tem exacerbado os crimes rurais violentos, como assassinatos por pastores Fulani armados, roubos de gado associados à violência étnica e o descontentamento generalizado com a insegurança. Em geral para o país, e especificamente sobre a situação dos pastores, a descoberta pelo governo federal de 1497 rotas ilegais ao longo da fronteira nigeriana é uma informação extremamente relevante. Mesmo assim, esta descoberta não é tão crucial quanto a forma como o governo reagiu a ela. A porosidade das fronteiras nigerianas apresenta um grande desafio no combate aos incessantes assassinatos entre pastores Fulani e fazendeiros, baseados na invasão de terras para propósitos de pastagem. O Governador do estado de Kaduna formulou, certa vez, um comitê de paz e levou, com sucesso, os pastores para locais fora das fronteiras nigerianas (Premium Times 2017). Ainda assim, a porosidade das fronteiras continua sem ser endereçada

As instituições de segurança da Nigéria são muito relapsas e fracas na checagem de visitantes estrangeiros infiltrados como mercenários que auxiliam nos incessantes homicídios perpetuados pelos pastores na Nigéria, especialmente com relação ao envolvimento de nacionais de nações vizinhas como Sudão, Mali, Níger e Chade (Shettima e Tar 2008). Além das fronteiras porosas, a Nigéria não tem forças especiais guardando estas áreas. Relatórios recentes de sequestros e roubos, realizados por supostos nômades contra cidadãos viajando pelas regiões de floresta é um indício do motivo por que a Nigéria precisa de policiamento especial para suas florestas e montanhas. Na maioria dos casos, os países mencionados são rotas de escape para pastores Fulani armados, uma vez que estes ficam cientes da presença militar.

Violência entre pastores e populações sedentárias na Nigéria

Foi declarado que entre 2010 e 2017, as atividades dos pastores representaram ameaças à existência de várias comunidades nigerianas (Kingdom News 2017). Mais de 5.000 vidas foram perdidas com mais de 100.000 pessoas deslocadas internamente pelos ataques dos pastores Fulani na região Centro-Norte (Kingdom News 2017). Muitas comunidades rurais foram dispersadas e seus habitantes largados à confusão, rompendo a coesão das comunidades e ameaçando a existência da população local. Também foi alegado que os pastores Fulani, após os ataques, ocupam as terras das quais eles, violentamente e de forma assassina, expulsam fazendeiros locais, e que, na sequência, as forças de segurança e o governo tomam medidas para garantir a posse dos Fulani sobre a terra ocupada (Ojomoyela 2016; Kingdom News 2017).

Há, de acordo com todos os relatos, um padrão na má administração de tais emergências. No governo imediatamente anterior, do Presidente Goodluck Ebele Jonathan, por exemplo, as emergências de Jos continuaram, independentemente do clamor regional e internacional (Okeke 2014). De 1996 a 2006, cerca de 121 indivíduos perderam suas vidas somente nos estados de Bauchi e Gombe, devido a tais conflitos. Em 13 de julho de 2014, dez pessoas foram assassinadas em conflitos entre rancheiros locais e pastores Fulani na Rua Pilagani, em Langtang, Governo Local do Norte no estado de Plateau (Ovuakporie e Agbakwuru 2016). Além disso, no dia 14 de julho de 2014, mais de 50 indivíduos foram dados como mortos na região de Pilagani, do Governo Local de Marakun, estado de Zamfara. (Premium Times 2016). Em maio de 2015, da mesma forma, cerca de cem pessoas morreram em cidades e campos afastados situados em Ikura, no estado de Benue, devido a agressões, possivelmente partindo dos pastores. Desde o início deste ano, mais de cem rancheiros locais e ocupantes inocentes foram assassinados pelos Fulani (Opejobi 2016).

Em 2015, os ferozes pastores Fulani ficaram na quarta posição entre os agregados criminosos mais mortíferos do planeta pelo Índice Global de Conflitos (*Global Conflict Index*). Apesar disso e dos vários indivíduos assassinados, o governo tem sido negligente em tomar atitudes mais incisivas (Stein 2016) No estado de Benue, por exemplo, a Associação Nigeriana de Criadores de Gado Miyetti Allah expressou que os ataques a seus rancheiros próximos são uma forma de contra ataque pela tomada de cem bovinos por indivíduos de grupos rústicos que têm estado sob ataque. Além disso, em

2016, mais de 1.042 habitantes foram assassinados devido aos sangrentos conflitos. Em 2015, cerca de sete cidades foram invadidas por pastores Fulani na região do Governo Local de Agatu, sete fazendeiros foram executados nas regiões de Ikpele e Okpopolo e mais de 6.000 habitantes foram deslocados (Stein 2016).

Por volta de 15 áreas de Governo Locais das 23 em Benue, incluindo Agatu, foram invadidas pelos pastores, matando milhares de residentes, destruindo casas e terras e estuprando as mulheres e filhas dos homens dessas comunidades (Opejobi 2016). Outro ponto crucial e notável das invasões Fulani é a comunidade Ukpabi-Nimbo no estado de Enugu, onde cerca de 300 pastores invadiram a localidade com armas e machetes, atirando esporadicamente, matando pessoas e ateando fogo a casas e veículos (Mikailu 2016).

Outros pontos relevantes incluem regiões nos estados de Plateau (Comunidade de Berom), Lagos (Agege), Ekiti (Oke Ako Community), Taraba (Gashaka), Ibadan (Lagelu), Delta (Comunidade Ossissa), Kwara (Comunidades de Lagun, Iyana Offa, Offa), Akure, Nasarawa, Abia e Imo, para citar alguns. A Mercy Corps (2015) coloca os pastores Fulani como o grupo militante mais letal da Nigéria, com um número de 1.229 mortes em 2014, um crescimento significativo com relação às 63 mortes em 2013. Os militantes Fulani foram responsabilizados por 97% das mortes em 2014, contra os 67% registrados pelo Boko-Haram (Mercy Corps 2015). Dos 163 países analisados no “2015 Mercy Corps”, a Nigéria estava na 149ª posição na lista do Índice Global de Conflitos (*Global Conflict Index*). Isto ajuda a demonstrar a frágil situação da paz na Nigéria (Mercy Corps 2015). Um relatório recente da Mercy Corps (2015), uma organização humanitária global, financiada pelo Departamento Britânico para o Desenvolvimento Internacional (DFID), coloca os infundáveis conflitos entre fazendeiros e pastores por todo o país, especialmente na região Centro-Norte, como tendo um custo de \$14 bilhões em possíveis receitas para a Nigéria.

Tabela 1: Casos selecionados de incessantes conflitos sangrentos entre pastores Fulani e fazendeiros locais na Nigéria

Nome da Comunidade Atacada (Estado)	Nº de Pessoas Mortas	Fonte da Notícia/ Data
Beye e Beryen, Beron, Tusung-Barkin, Mazah, Tarok, Riyon-Barkin Ladin, Bokkos, Dogo na Hauwa, Riyom, Barkin Ladi, Jos North, Jos South, Jos East, Mangu, Bassa, Kwata, Kuru (Estado de Plateau)	657	Março de 2010 e Dezembro de 2015
Gowen, Guma, Tiv-Guma, Tse Abatse e Tse Yoo, Tarok -Wase, Barkin-Ladi, Eguma-Agalie, Agatu, Guma, Tiv, Soja Patali, Vilarejo de Amenbo, Agatu, Buruku, Guma, Gwer-West, Logo, Kwande, Gwer-East, Katsina-Ala, Odugbeho Agatu, Idele, Guma, Gwer-East, Buruku, Gwer- West, Ucha Nyiev, Ega Adapati, Ikpele, Okpopolo (Estado de Benue)	Mais de 2000	Fevereiro de 2011 e Janeiro de 2018
Akpanaja Ondori Rukubi-Doma, Udeni Gida, Doma, Eggon, Eggons, Tivs, Alago, Agatu (Estado de Nasarawa)	Mais de 205	Fevereiro de 2011 e Agosto de 2016
Jukun, Wukari, Majehuku e Zandukwu, Dori e Mesuma, Gasaka, (Estado de Taraba)	97	Janeiro de 2013 e Abril de 2016
Egbe (Kogi)	5	Abril de 2013
Tiv (Fronteira de Benue e Nasarawa)	23	Mai de 2013
Ketu (Ogun)	1	Outubro de 2013
Atakar e Zandang, Kirim, Zagar, e Zandyan, Vilarejo de Ambie, Vilarejo de Paa, Unguwan Dauda (Estado de Kaduna)	Mais de 400	Outubro de 2013 e Dezembro de 2017
Uzouwani, Ukpabi Nimbo, Uzo-uwani, Nimbo Ngwoko, Ugwuijoro, Ekwuru. Ebor, Nimbo, Umuome, Ugwua-chara (Enugu)	Mais de 622	Junho de 2013 e Dezembro de 2016
Uzuakoli, Ebem (Abia)	23	Outubro de 2015
Nta Obu, Ikpanya (Akwa Ibom)	100	Julho de 2014
Akoko South-East (Estado de Ondo)		Julho de 2014
Tse Chia, Tse Nhumbe, Deghkia, Ngorukgan (Abuja)		Setembro de 2015
Fufore, Girei, Demsa, Manassah Nayangom (Estado de Adamawa)	Over 125	Março de 2016 e Dezembro de 2018
Ofagbe, Isoko North, Matokun, Pategi (Estado de Delta)	4	Junho de 2015 e Fevereiro de 2016
Ayamelum (Estado de Anambra)	2	Fevereiro de 2016
(Ekiti)	5	Outubro de 2017

Fonte: Diário do Autor

As implicações da crise entre pastores e fazendeiros locais na Nigéria

De fato, os ataques dos pastores Fulani levantaram preocupações sobre segurança envolvendo todos os estados e a federação. A Nigéria tornou-se um país atingido por bandidos e que é considerado um foco de homicídios. Deve ser notado que, não só a difícil situação da segurança nacional da Nigéria torna a vida mais perigosa para seus habitantes, mas ela também drena os recursos dos governos estaduais e federal, inibe o fornecimento de serviços públicos, perturba estratégias governamentais, desencoraja potenciais investidores, afeta o rápido crescimento econômico e atrasa o desenvolvimento político. O impacto é multifacetado, ao passo que afeta as esferas social, política, econômica e ambiental. A implicação dos atuais confrontos entre pastores Fulani e fazendeiros locais é evidente tanto nas empresas existentes quanto nas que possivelmente se instalarão nas áreas atingidas. Enquanto potenciais investidores locais e estrangeiros são dissuadidos de fazerem investimentos em decorrência dos altos riscos securitários, aqueles que já alocaram seus recursos ficam incertos sobre a segurança de seus investimentos. Além disso, empresas existentes são afetadas pela dificuldade em desempenhar suas áreas funcionais (produção, financiamento e marketing, entre outras). O efeito resultante destes fatores debilitantes é que a produtividade das empresas irá recuar, a pobreza será mais manifestada, haverá deslocamento social e desalojamento de populações, assim como as perturbações na vida familiar e comunal tornar-se-ão mais pronunciadas, aumentando as taxas de criminalidade. Outra implicação dos conflitos entre pastores e fazendeiros é a destruição de vidas e fazendas, que se tornaram as maiores ameaças à produção alimentar da nação. Alguns dos estados produtores de alimentos na Nigéria experimentaram pesadas perdas de vidas e propriedades. Tais perdas de vidas afetaram negativamente as operações rurais e outros negócios e atividades socioeconômicas relacionadas, resultando na redução da produtividade das fazendas e, portanto, no aumento do medo da fome. Desde já, a maior parte dos fazendeiros nos estados afetados abandonou fazendas e escolas com medo dos ataques dos pastores Fulani. Para comunidades que já foram predominantemente agrícolas, a ocupação na agricultura já não é mais tão interessante como antes. Muitos fazendeiros foram deslocados ou tiveram suas terras desapropriadas pelos pastores Fulani armados.

Especialistas em desenvolvimento agrícola são unânimes em suas previsões de que os ganhos registrados neste setor da economia, especialmente na área da produção alimentar, podem sofrer sérios retrocessos como resultado dos

efeitos negativos dos conflitos com pastores Fulani. Atualmente, quase todos os estados da Nigéria foram afetados por estes agressivos pastores. Os efeitos da contínua crise dos Fulani nas localidades afetadas levaram à relutância dos fazendeiros em retornar às suas terras, mesmo durante a temporada de colheita. Fazendeiros locais fugiram, deixando suas terras despreparadas e ociosas, sujeitando as terras à pastagem indesejada por parte dos pastores Fulani.

Em todos os conflitos, pesadas perdas de vidas e propriedades são registradas em ambos os lados. Enquanto os fazendeiros locais contabilizam perdas em casas e em produção agrícola, os pastores Fulani contam suas perdas em cabeças de gado. Fazendas e escolas nas áreas afetadas foram tomadas por ervas daninhas e aquelas que já estavam prontas para colheita foram deixadas abandonadas (Opejobi 2016). De acordo com o Fórum dos Governadores, “isto irá impactar negativamente no fornecimento de alimentos dos fazendeiros locais a todas as partes do país, já que a maior parte dos fazendeiros moveram-se para locais seguros, onde eles não estão desempenhando suas atividades e permanecendo ociosos” (Opejobi 2016). Ainda que o conflito entre os sedentários fazendeiros e os nômades pastores de gado Fulani na Nigéria já venha de décadas, o atual escalonamento para uma crise aberta entre os dois grupos é um fenômeno recente. À medida que os assassinatos continuam em uma proporção maior, agências de segurança aparentam estar abismadas pela sofisticada natureza das armas utilizadas pelos mercenários. A morte de homens, mulheres e crianças, e a destruição de lavouras e animais tornaram-se marcas registradas desta guerra, a qual tirou pessoas de seus lares ancestrais e colocou-as em situações intoleráveis como deslocadas internas

Conclusão

Apesar dos numerosos estudos na Nigéria que mostram os conflitos como ataques dos pastores às propriedades dos fazendeiros, a presente investigação sobre os confrontos pelo uso e posse das terras nos diversos estados nigerianos é uma exceção, pois concentra-se na intrusão dos pastores em regiões agrícolas próximas. Na mesma linha, notou-se a aplicabilidade deste artigo na Nigéria e no mundo, ao passo que apresenta o fluxo dos conflitos e de seu escalonamento, bem como considerações sobre seus gatilhos e ramificações. Este artigo contribuiu fundamentalmente para o avanços dos meios normalmente utilizados para abordar conflitos. É relevante compreender todos estes, pois os conflitos por pastagens e pelo uso de terras entre fazendeiros locais e pastores na Nigéria contribuíram não só para a desestabilização da paz e da segurança do país, mas também para a estagnação

do desenvolvimento agrícola e pecuário nos estados de Adamawa e Benue e na Nigéria como um todo. O artigo fornece um estímulo para as partes e acadêmicos interessados desenvolverem futuras pesquisas. Criar e recriar o futuro é a missão e o desafio das estratégias, as quais lidam com a interação da população local. Isto significa que o plano deve se adaptar às reações antecipadas daqueles que serão afetados. Para governos em todos os níveis, é necessário saber que a insegurança causada pelos conflitos entre pastores e fazendeiros nasce, geralmente, do sentimento de fraqueza e desespero. Portanto, os governos estaduais e federal devem dar mais atenção aos elos faltantes sobre reservas de pastagens e importação de pasto brasileiro, bem como fornecer vias para sensibilizar os cidadãos sobre a necessidade e os valores da consciência sobre segurança. Todo cidadão deve ter em mente que a vida deve ser assegurada antes que se possa pensar sobre como alimentar, vestir e abrigar alguém e, posteriormente, engajar-se em atividades políticas, culturais e ideológicas. Não há nada em absoluto que dê significado e essência à vida como a segurança. A maior ameaça securitária à Nigéria encontra-se na sua fraca unidade política e econômica e práticas de corrupção. Isto é agravado pelos fatores paralelos da pobreza difundida por um lado, e da abundância de petróleo no território por outro, ambos fatores que levam à intensa competição por recursos entre as seis zonas geopolíticas da Nigéria. A postura de segurança interna na Nigéria é altamente assustadora; o país é, basicamente, mais ameaçado por questões internas do que por aquelas relacionadas a fatores externos, especialmente na região Centro-Norte, com muitos conflitos étnico-religiosos e confrontos comunais. O artigo examinou a situação da nação focando nos problemas de segurança na Nigéria. Argumentou-se que a Nigéria atingiu um ponto de ruptura em questões securitárias, as quais que não tem fim em vista. Também notou-se que ainda falta para o país uma visão estratégica sobre como lidar com a crise de segurança, tornando futuros problemas securitários inevitáveis.

REFERÊNCIAS

- Abubakar, Muhammed. 2012. *Sociological assessment of nomadic pastoralist and sedentary farmer conflicts in Katsina State*. (M.Sc. Thesis), Ahmadu Bello University, Zaria, Kaduna State, Nigeria.
- Adisa, Solagberu. R. e Adekunke, Adekunle O. 2010. Farmer-Herdsman Conflicts: A Factor Analysis of Socio-economic Conflict Variables among Arable Crop Farmers in North Central. *Nigeria Journal of Human Ecology*, 30 (1), 1-9.

- Aliyu, Aliyu Sheu. 2015. *Causes and resolution of conflict between cattle herders and crop farmers in katsina state*. (M.Sc. Thesis), Ahmadu Bello University, Zaria
- Audu, Sunday Didam. 2013. 'Conflicts among farmers and pastoralists in Northern Nigeria induced by freshwater scarcity', *Developing Country Studies*, vol. 3, no. 12, pp. 25-32
- Baca, Michael W. 2015. *Farmer-herder clashes amplify challenge for beleaguered Nigerian Security*. <http://theglobalobservatory.org/2015/07/farmer-herdernigeria-buhari-abuja-fulani/>
- Bello, Alhassan Usman. 2013. Herdsmen and Farmers Conflicts in North-Eastern Nigeria: Causes, Repercussions and Resolutions. *Academic Journal of Interdisciplinary Studies*, 2(5), 129-139
- CBN financial Watch. 2016. Financial Stability Report December 2016 - Central Bank of Nigeria
- Dimelu, Mabel Ukamaka, Salifu, Edward Danjuma, e Igbokwe, Edwin M. 2016. "Resource use conflict in agrarian communities, management and challenges: A case of farmer-herdsmen conflict in Kogi State, Nigeria". *Journal of Rural Studies*, 46, 147-154
- Ehiabhi, Victor. 2012. *Senate passes law to halt Fulani, Farmer's conflict*. <https://www.naij.com/434292-senate-passes-law-to-halt-fulani-farmersconflict.html>
- Onwubiko, Emmanuel. 2017. "Policy Incoherence Fuels Herdsmen Attacks", *National Daily*. <http://kingdomnewsng.com/articles/417-policy-incoherence-fuels-herdsmen-attacks>
- Folami, Olakunie Michael. 2010. Climate change and inter-ethnic conflict between Fulani herdsmen and host communities in Nigeria. In *Conference on Climate Change and Security, organised by the Norwegian Academy of Science and Letters, Trondheim, Norway*
- Gyong, John. 1998. *Conflict Management: Traditional Methods from Pre-colonial Times to the Present*. Paper presented at the conference on enhancing peaceful co-existence in Nigeria. Organized by the centre for peace and conflict resolution National War College Abuja
- HART. 2016. "Herdsmen-Farmer Conflict in Nigeria: An Ongoing Legacy of Division and Mistrust". *Humanitarian Aid Relief Trust*. <http://www.hartuk.org/blog/herdsmen-farmer-conflict-nigeria-ongoing-legacy-divisionmistrust/>

- Higazi, Adam. 2016. 'Farmer-Pastoralist Conflicts on the Jos Plateau, Central Nigeria: Security Responses of Local Vigilantes and the Nigerian State', *Conflict, Security & Development* 16(4): 365-385
- Human Rights Watch. 2013. *Leave Everything to God. Accountability for Inter-Communal Violence in Plateau and Kaduna States, Nigeria*. Human Rights Watch. https://www.hrw.org/sites/default/files/reports/nigeria1213_ForUpload.pdf
- Ibrahim, Haliu. 2014. Team nabs 16 cattle rustlers in Plateau. Daily Trust, <http://www.dailytrust.com.ng/news/general/team-nabs-16-cattle-rustlers-inplateau/38032.html#4UFLufEjxDoRljBg.99> (20 March, 2018)
- Idegue, Yusufu Aminu. 2015. "Why does blood flow in Berom?" *The Nation*. <http://thenationonlineng.net/why-does-blood-flow-in-berom/>.
- Kabir, Muhammed M. 2016. 'Roles of surveyors in conflict resolution and peace building in farmers – herdsman perennial resource clashes in Nigeria with special reference to Katsina State, Nigeria (7974)', *Recovery from Disaster*.
- Kingdom News. 2017. Communiqué of the Conference on Herders and Farmers Conflicts in Central Nigeria, organized by the Centre for Research Management, Benue State University, Makurdi, held at the Auditorium 1 of the College of Health Sciences, Benue State University from 13th – 16th March, 2017 Christened. <http://kingdomnewsng.com/news/412-fulani-herdsmen-attacks-makurdi-declaration-2017>
- Majekodunmi, Ayodele O, Fajinmi, Akinyemi, Dongkum, Charles, Alexandra P M Shaw; Susan C Welburn; 2014. 'Pastoral Livelihoods of the Fulani on the Jos Plateau of Nigeria', *Pastoralism* 4(1): 1.
- Marietu, Tenuche S. e Olarewaju Ifatimehin. 2009. 'Resource conflict among farmers and Fulani herdsman: Implications for resource sustainability,' *African Journal of Political Science and International Relationships*, 3(9): 360-364.
- Mercy Corps. 2015. Conflict Between Nigerian Rural Communities Takes Enormous Economic Toll. Press Release <https://www.mercycorps.org/pressroom/releases/mercy-corps-conflict-between-nigerian-rural-communitiestakes-enormous-economic>
- Mikailu, Naziru. 2016. Making sense of Nigeria's Fulani-farmer conflict, BBC News <http://www.bbc.com/news/world-africa-36139388>

- Nicholas, Ibekwe, Nicholas. 2018. Soyinka berates Buhari over government's failure to rein in Fulani herdsmen <https://www.premium-timesng.com/news/headlines/255149-soyinka-berates-buhari-governments-failure-rein-fulani-herdsmen.html>
- Odoh, S. I e Chigozie, Chilaka Francis. 2012. 'Climate change and conflict in Nigeria: A theoretical and empirical examination of the worsening incidence of conflict between Fulani herdsmen and farmers in Northern Nigeria', *Arabian Journal of Business and Management Review* 2(1):110-124
- Ojiako, Ifeanyi. A. e Olayode, G. A. 2008. Analysis of trends in livestock production in Nigeria: 1970-2005. *Journal of Agriculture and Social Research*, 8 (1), 114-120
- Ojomoyela, Rotimi. 2016. Fayose Threatens Reprisal Over Herdsmen Attacks in Ekiti. *The Vanguard*. <http://www.vanguardngr.com/2016/05/fayose-threatens-reprisalherdsmens-attack-ekiti/>
- Okeke, Okechukwu Edward. 2014. Conflicts between Fulani Herders and Farmers in Central and Southern Nigeria: Discourse on Proposed Establishment of Grazing Routes and Reserves. *AFRREV IJAH: An International Journal of Arts and Humanities*, 3(1), 66-84.
- Okoli, Chukwuma. e Atelhe George Atelhe. 2014. Nomads against natives: A political ecology of Herder/Farmer conflicts in Nassarawa State, Nigeria. *American International Journal of Contemporary Research*, 4(2), 76-88
- Olayoku, Philip Ademola. 2014. Trends and patterns of cattle grazing and Rural violence in Nigeria (2006 – 2014) Nigeria watch project. <http://www.ifra-nigeria.org/IMG/pdf/>
- Opejobi, Seun. 2016. Buhari has no solution to Fulani herdsmen/farmers crises – Zakari. Daily Post. <http://dailypost.ng/2016/07/20/buhari-no-solution-fulaniherdsmenfarmers-crises-zakari/>
- Ovuakporie, Emman e Agbakwuru, Johnbosco. 2016. Herdsmen More Dangerous Than Boko-Haram, *The Vanguard*, <http://www.vanguardngr.com/2016/04/herdsmen-dangerousboko-haram-akpatason/>

- Premium Times. 2016. Fayose vows to equip Ekiti hunters for war with Fulani herdsmen. *Press Release*. <http://www.premiumtimesng.com/news/topnews/203970-fayose-vows-equip-ekiti-hunters-war-fulani-herdsmen.html>
- Sapru, Radha Krishan. 2012. *Public Policy: Formulation, Implementation and Evaluation*, New Delhi: Sterling Publishers
- Shettima, Abba Gana e Tar, Usman A. 2008. 'Farmer-pastoralist conflict in West Africa: Exploring the causes and consequences', *Information, Society and Justice*, 1(2): 163-184.
- Stein, Chris. 2016. "Farmer-Herder Conflict Rises across Nigeria". *VOA News*. <http://www.voanews.com/a/farmer-herder-conflict-rises-acrossnigeria/3326151.html>

RESUMO

Incontáveis mortes desnecessárias ocorreram devido aos incessantes e sangrentos conflitos entre pastores Fulani e fazendeiros locais nigerianos. A situação da segurança no país já é ruim o suficiente sem esta ameaça, que envolve a simples, inocente e trabalhadora população de base. No entanto, as autoridades parecem não ter pistas sobre o ângulo apropriado, a partir do qual abordar a questão. As principais discussões acadêmicas sobre o assunto também não deram atenção ao embate em relação às leis de pastoreio e uso de terra. Esta pesquisa, portanto, investiga as mortes perpetradas por pastores Fulani sob a luz de fatores multidimensionais, que estão, também, sujeitos a um cenário político em constante alteração. A pesquisa é qualitativa e utiliza fontes de dados secundárias e de arquivo. As discussões são baseadas na Teoria da Modernização e na Teoria da Escassez de Recursos, o que permite abordar os conflitos de perspectivas variadas. O estudo identifica as políticas contraditórias para o uso pacífico e apropriado de terras e o problemático esquema de apaziguamento nos diversos níveis do governo nigeriano como um dos gatilhos para os confrontos. Além disso, o fraco pacote de segurança social ofertado à população pode ser conectado às Lutas sangrentas e incessantes. Visto que não são realizados planos de desenvolvimento estrutural apropriados, que criem reservas de pastagem para os mercantes nômades, estes decidiram expandir seus negócios à força, uma opção que rapidamente atende às suas necessidades em um país deficitário em segurança. Novamente, a porosidade das fronteiras da nação é, também, um fator crucial considerado nesta pesquisa, já que abundam evidências para provar que a maior parte dos perpetradores destes assassinatos sem sentido tem seus esconderijos em nações fronteiriças, de onde armas são transportadas para dentro do país, a fim de executar suas atividades. Por último, o estudo discute a tomada de terras rurais como a finalidade dos massacres realizados pelos pastores Fulani. Após destruir as vilas, os criminosos confiantemente ocupam a terra, algumas vezes com ajuda militar, enquanto os donos originais fogem em busca de segurança. Este desafio securitário contribui para o atraso econômico, social e político, visto que leva à perda de vidas e propriedades, dificulta e provavelmente impede investimentos locais e estrangeiros, destrói terras férteis e aráveis, além de reduzir o fornecimento de alimentos, em última instância reduzindo a produtividade como um todo. Se o governo não responder à altura, por meio de medidas de segurança drásticas, ocorrências futuras permanecerão prováveis.

PALAVRAS-CHAVE

Nigéria; Pastores Fulani; Fazendeiros Locais; Conflitos Sangrentos.

*Recebido em 2 de abril de 2018.
Aceito em 14 de dezembro de 2018.*

Traduzido por Artur Holzschuh Frantz.